

RÉQUIEM PARA UM AMOR[2],

Paula Glenadel

ÁSPERO

Pois perdi meu contorno
feito em tiras pelas garras do tigre
quando perdi ou acreditei ter perdido
o contrapelo de teu espelho de carne,
estou descarnada e fútil sobretudo nas extremidades.
Minhas mãos que se parecem tanto com você talvez
por isso tantas vezes agora eu as corte
tudo sangra, tudo dói, tudo arde, tudo fere;
o mundo ficou áspero ao toque, não posso tocá-lo
sem abrir tristes bocas nos dedos
furos de fome no corpo
e o tempo me rói até o osso.

RALO

Não consigo enterrar nem ressuscitar o que dei.
Mas sei que a roseira já arvora outra cor
arrastando sua mudança na deriva irresistível
rodamoinho do tempo
ralo em que tudo vai dar
inclusive as mudanças que me são,
que eu sou, em que me tornei.

TENTATIVA

E a terra dizia ao ar: fique,
Pare, eu bem queria mover-me
para seguir com você, mas não posso
E o ar: não há nada
em que me agarrar para parar
O menor vento me leva

VÃ

A boca de deserto como os profetas
Despertar de um sonho e querer lembrá-lo
É quase tão ocioso quanto tentar escrever
Um poema seja lá o que isso for
Pôr a alma nas formas
Por pura impossibilidade
De suportar a falta
Das horas de veludo
Em que o repouso é mais profundo

[2] Este poema foi publicado no livro *Mais poesia hoje*, org. por Celia Pedrosa (Editora Viveiros de Castro, 2000)